

CAPÍTULO XXV

A HISTORIOGRAFIA DE ALEXANDRE HERCULANO
E A IMAGEM DO CARDEAL D. HENRIQUE**António Cândido Franco**

(Universidade de Évora)

A historiografia de Alexandre Herculano é de tipo documental. Nesse aspecto o historiador não arredou pé dos critérios de indagação e de construção que o século anterior estabelecera.

Para bem dizer, o esforço historiográfico de Herculano não foi de inventiva mas de exemplificação; em termos gerais, Herculano pretendeu tornar concreto, por via duma meticolosa e extensa aplicação, um conjunto de regras que, encontrando-se desde há tempo fixado, quer por via do trabalho da Academia Real de História, fundada em 1720, quer pelas *cartas* de Thierry, surgidas em 1827, não encontrara ainda em Portugal cultor à medida, pelo menos de forma larga e pertinaz.

O resultado foi como se sabe a publicação dos quatro volumes da *História de Portugal* (1846-47-50-53), em que a efabulação imaginosa, quase maravilhosa, centrada em figuras excepcionais e míticas, como ainda a praticara no século XVII o grande escritor que congeminara o projecto alcobacense da *monarquia lusitana*, aparece substituída por uma mentalidade laboriosa e metódica, de tipo científico, que põe todo o esforço na paciente recolha de materiais parcelares, elementos que cerzidos entre si, entendidos em conjunto, visam a decomposição da génese e do desenvolvimento das instituições sociais e políticas da Idade Média portuguesa.

A par deste modelo erudito e crítico, Alexandre Herculano praticou porém pela mesma época uma outra abordagem da História, muito diversa e muito menos condicionada por regras e por critérios racionais, o que de resto se compreende em plúmivo que foi conviva directo, além de bibliotecário-mor, do extravagante efabulador do palácio da Pena, em Sintra. Falamos do romance histórico que Herculano a bem dizer introduziu em Portugal e que cultivou desde 1837, altura em que começou a dar à estampa nos números da revista *O Panorama* (1836-1843) as narrativas, curtas ou longas, que viriam depois a constituir, em 1851, os dois tomos de *Lendas e Narrativas*.

Nesse acervo, muito mais nutrido do que aquilo que a magra edição de 1851 deixa perceber, e ainda nas novelas de escopo medieval que por então deu à luz em livro (*O*